

ANNA CATHARINA SIQUEIRA

agora ou nunca

DIALOGO

ilustrações
Fernanda Guedes



Vencedor do concurso
"Quero ser escritor"
2003



editora scipione

Gerente editorial
Sâmia Rios

Editor

Mauro Aristides

Editor assistente

José Paulo Brait

Revisores

Nair Hitomi Kayo,

Mariana de Lima Albertini,

e Renato Luiz Tresolavy

Coordenadora de arte

Maria do Céu Pires Passuello

Diagramadora

Carla Almeida Freire

Programador visual de capa e miolo

Rex Design



editora scipione

Av. das Nações Unidas, 7221
Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br
e-mail: atendimento@scipione.com.br

2016
ISBN 978-85-262-8019-9 – AL
ISBN 978-85-262-8020-5 – PR
Cód. do livro CL: 737601
2.ª EDIÇÃO
5.ª impressão

Impressão e acabamento

• • •
Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

• • •



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Siqueira, Anna Catharina

Agora ou nunca / Anna Catharina Siqueira; ilustrações de Fernanda Guedes. – São Paulo: Scipione, 2003. (Série Diálogo)

1. Literatura infantojuvenil I. Guedes, Fernanda.
II. Título. III. Série.

03-4197

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

*Para mamãe e vovó, minhas incansáveis
chefes de torcida; minha irmã, por resgatar
junto comigo o olhar de adolescente; Sonia
Rodrigues, pelo grande ensinamento; e meus
amigos, pelo incentivo de sempre.*



SUMÁRIO

Capítulo 1	6
Capítulo 2	11
Capítulo 3	17
Capítulo 4	22
Capítulo 5	26
Capítulo 6	34
Capítulo 7	41
Capítulo 8	46
Capítulo 9	51
Capítulo 10	58
Capítulo 11	65
Capítulo 12	75
Capítulo 13	86
Capítulo 14	92
Capítulo 15	99





Capítulo 1

— **N**em te conto, mãe. Passei de ano direto!

Era início de tarde de uma sexta-feira, primeira semana de dezembro. Bárbara estava radiante. Mal recebeu a notícia no colégio, botou a mochila nas costas e correu para casa, para contar a novidade à mãe.

— Parabéns, minha filha. Como eu tenho orgulho de você! — derreteu-se Sueli, enquanto dava um abraço carinhoso na menina.

Embora Bárbara sempre tivesse sido boa aluna, desta vez a notícia tinha um gostinho diferente: ela havia terminado o nono ano. A partir de agora, faltariam apenas três anos para o vestibular de jornalismo, quando investiria no sonho de se tornar repórter de televisão. A garota estava consciente do longo caminho a percorrer antes que a escova de cabelo e o espelho do seu armário fossem substituídos por um microfone e uma câmera de verdade.

Mas isso não era problema: Bárbara usaria os anos seguintes para se preparar.

A maior preocupação da menina era a grana que Sueli ganhava, ou melhor, deixava de ganhar. A mãe não tinha culpa, ela sabia. O pai as abandonara quando Bárbara era ainda um bebê, e Sueli teve de criá-la sozinha. De parente, a menina tinha conhecimento apenas de uma tia, irmã de sua mãe, mas nunca chegara a ver. No mais, havia alguns tios e primos de Sueli, que moravam no interior do Rio de Janeiro e pouco mantinham contato.

Bárbara e Sueli levavam uma vida modesta, numa casa do subúrbio carioca. Não raro, a mãe passava dias e noites fazendo salgados para fora. Era isso que garantia o sustento das duas. A filha reconhecia o esforço de Sueli em lhe oferecer o mínimo de conforto, mas receava ter de adiar o sonho de estudar jornalismo para reforçar o orçamento de casa. Enquanto essa possibilidade não se apresentava, a menina fazia a sua parte. Dedicava-se aos estudos, ajudava a mãe a preparar as encomendas e sempre arrumava tempo para divertir-se com os amigos.

– Chamei o Anderson e a Natália para passarem a tarde aqui. Eles já devem estar chegando. Você me libera de te ajudar na cozinha, mãe? – pediu Bárbara.

– Claro, filha, hoje você pode tudo. Vou esquentar o seu almoço enquanto você toma banho – avisou Sueli.

A ansiedade pela tarde de cantoria em seu primeiro dia de férias fez com que Bárbara tomasse banho em cinco minutos e almoçasse em outros cinco. Quando estava na penúltima garfada, os amigos a chamaram no portão. A menina largou o prato na cozinha e, antes de alcançar a janela da sala, de onde acenou para que Anderson e Natália entrassem, parou para ligar a tele-

visão e o videoquê. O aparelho fora comprado por Sueli um mês antes, quando a garota completou quinze anos. Suas economias não foram suficientes para oferecer uma festa de debutante à filha, mas, apertando aqui e ali, deu pelo menos para fazer um crediário. Desde que ganhara o presente, Bárbara contava os dias para entrar em férias, quando teria mais tempo de aproveitá-lo.

A tarde seguiu numa animação só. Os três amigos se revezavam na cantoria, e algumas vezes todos cantavam em coro. De vez em quando, Sueli aparecia na porta da cozinha e, ainda que cansada, era contagiada pelo ar de felicidade da filha. O jeito de Bárbara era mesmo fascinante. Alegre, comunicativa, divertida, educada, meiga, de bem com a vida, não havia quem não gostasse da menina.

Como se isso fosse pouco, Bárbara era dona de uma beleza incomum. Bem alta para a sua idade, morena, com longos cabelos lisos e olhos que pareciam duas jabuticabas, chamava a atenção por onde quer que passasse. No colégio era a mais admirada pelos meninos, porém sempre agiu como se não percebesse. Como qualquer adolescente, já havia ficado com alguns meninos. Mas namoro sério, isso ainda não tinha acontecido. Uma vez rolou um namorico com um colega de turma, que não foi adiante porque ele sentia muito ciúme dela com Anderson. Por mais que a menina explicasse a relação de amizade entre os dois, o rapaz não bancou a situação.

Bárbara, Anderson e Natália estudavam juntos. Bárbara e Anderson, na mesma turma. Natália havia repetido o oitavo ano e, desde então, estava sempre uma turma abaixo dos amigos. Na hora do recreio, os três não se desgrudavam. Nas férias, então, nem se fala.

Era a vez de Natália cantar, e Anderson se levantou para ir ao banheiro, que ficava em frente ao quarto de Bárbara. Ao olhar para dentro do quarto, o menino não resistiu e entrou, como se

fosse atraído pelas fotos que ficavam presas a um pedaço de cortiça. Ele já havia visto aquelas fotos várias vezes, pois costumava passar algumas tardes ali estudando com a amiga. Mas nunca tivera a oportunidade de apreciá-las sozinho. Uma delas, em especial, sempre lhe chamou a atenção. Era Bárbara segurando uma escova de cabelo, como microfone, posando de repórter. Quase por instinto, Anderson tocou o rosto da menina na foto e, num gesto de admiração e encantamento, contemplou o brilho nos olhos dela.

A essa altura, Natália já havia cantado uma música e Bárbara estava no último refrão da sua. Como o próximo seria Anderson, que as duas meninas pensavam ainda estar no banheiro, Natália resolveu ir chamá-lo. A cena que viu deixou-a desconcertada.

Antes que pudesse pensar numa forma de tirar o rapaz dali, Natália ouviu a voz de Bárbara atendendo ao telefone que acabara de tocar na sala. Foi a deixa perfeita, já que a menina não escutaria e, quando voltassem à sala, Anderson estaria convencido a ir embora, sem dar chance à amiga de insistir para que eles ficassem um pouco mais.

– Anderson, já escureceu, preciso ir. Eu disse à minha mãe que, se ficasse tarde, você desceria a rua comigo até a porta da minha casa. Você vem? – perguntou Natália da porta do quarto.

– Hã, claro. Vamos, sim. Também já está na minha hora – consentiu Anderson, tentando disfarçar o flagrante.

De volta à sala, os dois se despediram de Bárbara e acenaram para Sueli, que fazia cara de desânimo ao falar ao telefone com a dona do bufê para o qual fornecia salgados. Bárbara estava tão curiosa em saber o que a mulher dizia à sua mãe que nem insistiu para que Anderson e Natália ficassem. Apenas levou-os até a porta e voltou para o sofá, enquanto esperava Sueli desligar.

– Eu mereço. A supervisora do bufê está doente, e a dona quer que eu vá ajudar na festa de amanhã. Tá certo que vai entrar um dinheirinho extra, mas com essa eu não contava – lamentou Sueli, tão logo colocou o fone no gancho.

– Não fica assim, mãe. Eu vou também, pronto. Dividimos as tarefas durante a festa e você não vai precisar andar tanto de um lado para o outro – ofereceu-se Bárbara.

Sueli esboçou um sorriso para a filha, que lhe deu a mão e a puxou para a cozinha.

– Vamos, eu te ajudo a terminar logo essa encomenda.

– Obrigada, minha filha. Você é um anjo.

